



Urdimento


REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Uma anti-boneca de quatro costados: Tussy Marx e o feminismo socialista do século XIX

Carmen Susana Tornquist

Para citar esta Resenha:

TORNQUIST, Carmen Susana. Uma anti-boneca de quatro costados: Tussy Marx e o feminismo socialista do século XIX. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 43, abr. 2022.

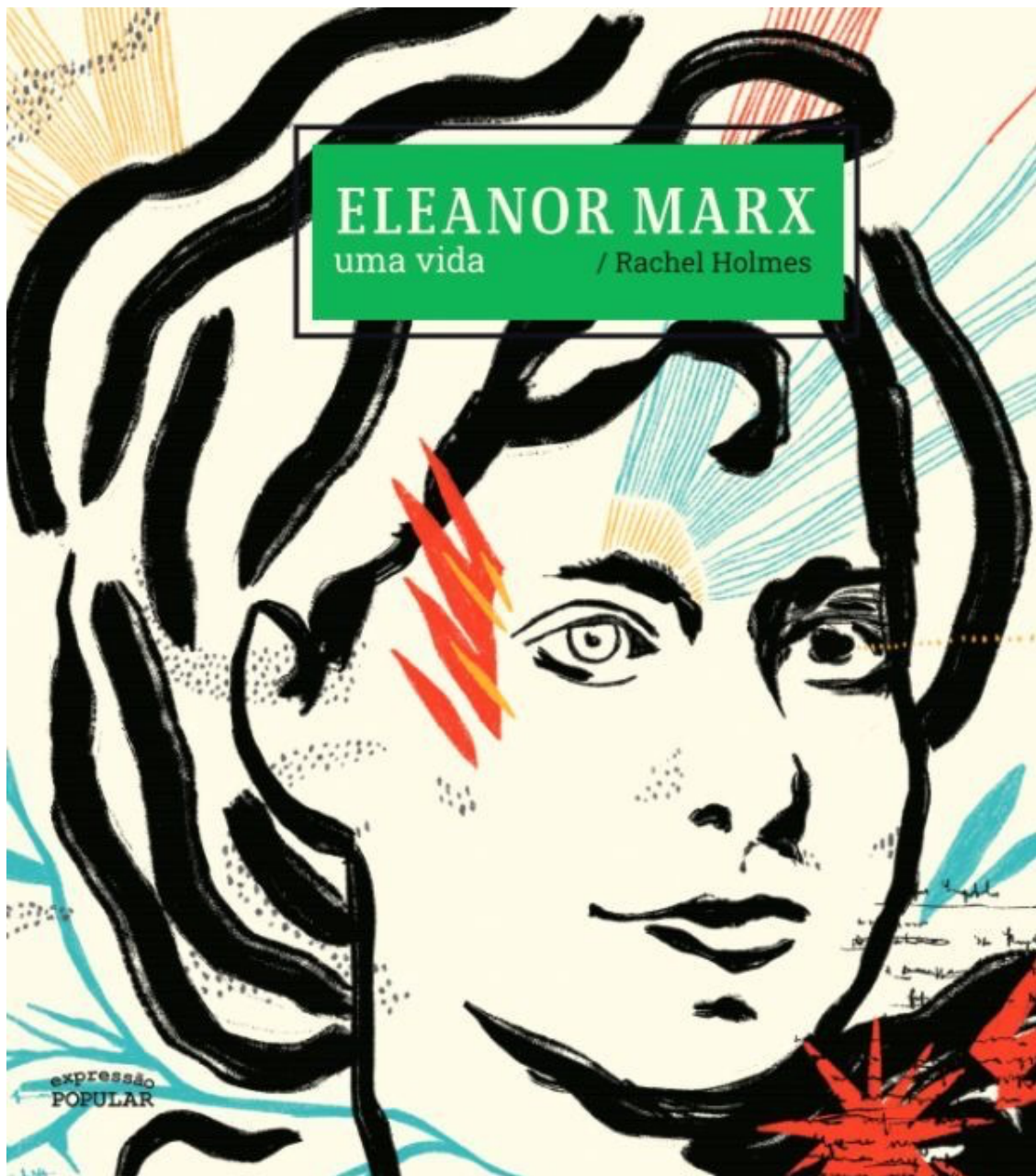
 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101432022e0802>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Resenha da obra

HOLMES, Rachel. *Eleanor Marx: uma vida*. São Paulo: Expressão Popular/ANDES, 2021, 576 p.





Uma anti-boneca de quatro costados: Tussy Marx e o feminismo socialista do século XIX¹

Carmen Susana Tornquist²

Resumo

Neste texto, apresenta-se a obra da historiadora Rachel Holmes, recém traduzida para o português, sobre a vida de Eleanor Marx. Destaca-se na biografia seu ativismo socialista bem como a trajetória no campo do teatro, no qual trabalhou desde 1875 até o final de sua vida. Neste sentido, sublinhou-se seu papel como tradutora de obras protofeministas, como *Madame Bovary* e *Casa de Bonecas*, de Gustave Flaubert e Henrik Ibsen, de quem fez traduções de outros textos dramáticos. Destacou-se no comentário o trabalho que a filha caçula de Marx realizou junto à Federação Social Democrata, à Liga socialista e ao Sindicato dos Trabalhadores do Gaz da Inglaterra, agremiações nas quais atuou em diferentes frentes: educação, agitação e propaganda, tradução e ainda, solidariedade internacional. Além disto, sublinhou-se a militância que teve junto ao socialismo feminista do final do século XIX, tema de seu livro *A questão da mulher: de uma ponto de vista socialista*, de 1886.

Palavras-Chave: Eleanor Marx. Feminismo. Artes dramáticas. Socialismo.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Carina Inserra Bernini. Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (PNPD/CAPES - 2018), Doutora (2015) e Mestre (2009) em Geografia Humana pela USP. Possui graduação em Geografia pela USP-2005. Graduação em Turismo pela Universidade Anhembi Morumbi (1999). Tradução do resumo para o inglês e revisão do resumo em espanhol realizada por Themis Scalco, graduada em Letras pela UFRGS (2003).

² Pós-Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS (CEIFR), França. Doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC -2004). Mestrado em Sociologia Política (UFSC-1992). Graduação em Licenciatura Plena em História (UFRGS-1986). Professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), onde atua no Programa de Pós Graduação em Planejamento territorial e desenvolvimento sócio-ambiental, membro do Conselho Consultivo da Cátedra Mariátegui (Peru). carmen.tornquist@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2486480802935227>  <https://orcid.org/0000-0002-7560-8649>



A Four-Sided Anti-Doll: Eleanor Marx and 21st Century Socialist Feminism

Abstract

In this text, we comment on the work of the historian Rachel Holmes about the life of Eleanor Marx, recently translated into Portuguese. In reading the biography, her socialist activism as well as her career in theater, in which she worked from 1875 until the end of her life, stands out. In this sense, her role as a translator of proto-feminist works, such as *Madame Bovary*, by Flaubert and *Casa de Muñecas*, by Henrik Ibsen, from whom she translated other dramaturgical texts, is highlighted. Notable in the comment is the work carried out by the youngest daughter of Karl Marx, together with the Social Democratic Federation, the Socialist League and the Union of Gas workers, organizations in which she acted in the field of education, agitation and propaganda and translation, as well as in internationalist solidarity. In addition, her recognized militancy along with socialist feminism of the late nineteenth century stands out, a subject on which she wrote *The question of women - from a socialist point of view*, in 1886.

Keywords: Eleanor Marx. Feminism. Dramatic arts. Socialism.

Una anti-muñeca de cuatro costados: Eleanor Marx y el feminismo socialista del siglo XXI

Resumen

En este texto, comentamos la obra de la historiadora Rachel Holmes, recién traducida para el portugués, sobre la vida de Eleanor Marx. Destacase en la lectura de la biografía su activismo socialista bien que su trayectoria en el campo del teatro, en el cuál trabajó entre los años de 1875 hasta al final de su vida. En este sentido, subrayase su rol como traductora de obras proto-feministas, entre las cuales *Madame Bovary*, de Flaubert y *Casa de Muñecas*, de Henrik Ibsen, de quien hizo traducciones de diversos textos dramáticos. Destacase en el comentario el trabajo que realizó la hija menor de Karl Marx, junto a la Federación Social Demócrata, a la Liga Socialista y en el Sindicato de los trabajadores del Gaz, agremiaciones en las cuales actuó en el ámbito de la educación, agitación y propaganda y traducción, bien que en la solidaridad internacionalista. Además, destácase su reconocida militancia junto al feminismo socialista de fines del siglo XIX, tema sobre el cuál escribió *La cuestión de la mujer- desde un punto de vista socialista*, en 1886

Palabras clave: Eleanor Marx. Feminismo. Artes dramáticas. Socialismo.



Em meio ao pandêmico ano de 2021, veio a luz uma boa notícia: a edição em português da biografia de Eleanor Marx, filha caçula de Karl Marx e Jenny von Westphalen, nascida em 1855 em Londres. A tradução da obra é de Lia Urbini, Cecília Faria e Letícia Bergamini Souto e a capa de Thereza Nardelli, com apoio de Maria Tereza Mhereb, esta última tendo traduzido recentemente *A questão das mulheres - de um ponto de vista socialista*, da própria Eleanor Marx, junto com Edward Aveling (2021). A obra sobre a qual trataremos aqui foi viabilizada pela Editora do MST em parceria com o Sindicato Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES), disponibilizando, na nossa língua, o trabalho da historiadora inglesa Rachel Holmes, de 2014.

Apoiada em um amplo conjunto de documentos, indicados ao final do livro (sobretudo cartas, artigos de jornais e obras de referência da época) e nas biografias de Chushichi Tsuzuki e de Yvonne Kapp, ambas da década de 1970, a biógrafa apresenta detalhadamente a vida de Eleanor, articulando aspectos pessoais e políticos, o que permite que seus leitores vislumbrem através de sua existência um período histórico de extrema dinamicidade, no qual a revolução – espectro a rondar a Europa – parecia iminente. A obra está dividida em 24 capítulos, que procuram seguir em linhas gerais a cronologia dos 43 anos nos quais foi tocado à Tussy (apelido de Eleanor) viver destacando seu sólido processo educativo junto à “mais perigosa família do mundo”, os estudos irregulares em instituições escolares, as pesquisas na Biblioteca do Museu Britânico, junto ao pai (de quem foi auxiliar), os estudos sistemáticos junto às Salas de Leitura e grupos afins. Holmes enfatiza as relações com as amigas, irmãs e com o meio-irmão, as relações com os pretendentes e com o companheiro Edward Aveling. Destaca-se que a presença de Engels, das irmãs Mary e Lizzie Burns e de Helen Demuth faziam parte deste arranjo familiar, unidos pelo afeto e pelo apoio mútuo permanente. Neste sentido, a família Marx, ainda que não isenta de contradições, foi um espaço concreto de experiências “fora da curva” que, de certa forma Eleanor soube aproveitar. Não menos importante é o destaque dado na obra às relações de Tussy



com seus camaradas, como a escritora sul africana Olive Schreiner, os amigos Bernard Shaw e Olivier Lissagary e o amigo de família Wilhelm Liebknecht, entre outros. Como advoga Jodi Dean (2021) tal categoria (camarada) tem um significado muito peculiar nos meios socialistas, e Tussy beneficiou-se amplamente desta camaradagem em grande parte das relações que vivenciou. No delicado mundo do amor, Tussy escolheu Edward Aveling para compartilhar sua vida, apesar dos outros romances que se permitiu viver, intensamente, antes de sua união livre com o ator e companheiro de lutas, viagens, doenças e dívidas³. Embora fosse evidente seu desejo de ser mãe, Tussy não teve filhos e foi a herdeira dos direitos testamentários da obra de Marx e de Engels, processo complexo que faz parte dos últimos capítulos da obra.

No que tange às peças de teatro, propriamente, é provável que as andanças de Tussy no campo das artes cênicas, fazendo leituras e encenações, potencializou seu trabalho com traduções, como coloca Cruz (2019), a autora que acentua a importância da oralidade como “prova dos nove” do texto dramático. E nesta via, talvez possamos inferir que algo similar se passava com os discursos políticos que eram outra das suas especialidades. Eleanor costumava arrebatara atenção de centenas de trabalhadores, quando assumia ela mesma o papel de oradora, como aconteceu em várias ocasiões.

Tussy compartilhava com as mulheres as contradições de sua época: de um lado, os estreitos trilhos da feminilidade restrita ao claustro doméstico e seus corolários (filhos, marido, lar, “dancinhas”, beleza) e, de outro, as ondas crescentes do feminismo deslanchado com as revoluções burguesas, de onde a tentadora promessa de igualdade advinha. De modo diverso de sua mãe, que sucumbiu a empuxos mais conservadores da época, apesar de seu inegável talento intelectual - Eleanor identificou-se de imediato com a recusa do destino traçado para as moças da pequena burguesia de sua época. Esta posição implicou não apenas em uma práxis socialista – compartilhada com sua família – como também a alçou de imediato às artes e ao teatro, em particular.

³ Edward Aveling conheceu Tussy no momento em que o teatro ocupava o centro de suas atenções, tendo formado com ela uma união livre, já que mantinha o laço jurídico com uma esposa doente, a quem não queria, supostamente, desagradar com um divórcio. Apesar da informalidade do relacionamento, Eleanor passa a assinar seu nome com o acréscimo de sobrenome Aveling até o fim de sua vida.



Com um texto fluido, Rachel Holmes cativa leitores enunciando enigmas que são desvelados mais ao final, entre os quais a questão da paternidade de Freddy Demuth e o destino de seu marido. Estes vão se articulando com outras tragédias e dramas menores, mas sem perder o pano de fundo o dramático avanço do Capital sobre os trabalhadores da Inglaterra e do mundo – aí incluídas as mulheres e as colônias. Estes aspectos ficam evidenciados sobretudo em “Nossa querida fogueira” e “Senhora Liberdade”, capítulos onde entramos em contato com relatos pungentes de Eleanor decorrentes de sua “observação participante” junto aos sindicatos e trabalhadores da América do Norte, por onde viajou por vários meses, em um momento em que o movimento operário (anarco-sindicalista e socialista) se impunha na cena política dos Estados Unidos, em particular, denunciando injustiças e exigindo direitos. Trata-se do período em que as lutas pela redução da jornada de trabalho eram a principal pauta dos sindicatos operários, aí incluídas o trabalho feminino e infantil e os direitos civis, como o direito ao voto, à educação, à contracepção e ao divórcio.

Com a intensificação das lutas de classe e o conseqüente crescimento das ações repressivas, também a liberdade de organização e expressão e a democracia vai sendo incorporada pelos socialistas, naquela ocasião. Neste sentido, chama atenção a ampla campanha pelos anarquistas condenados à morte em Chicago, defendidos com todos os dentes por Tussy, descritos no capítulo ironicamente chamado de “Essencialmente inglesa”. Nesse também são descritas ações políticas envolvendo o tema da migração e do preconceito étnico que divide a classe trabalhadora, e que deveria, segundo Eleanor, ser superado em prol da luta comum contra os verdadeiros algozes do povo.

Somente o acesso aos detalhes da história do movimento sindical e internacionalista e o trabalho que Tussy realizou junto a estas – aportando sem cessar a questões das mulheres, dos migrantes e do internacionalismo – valem cada centavo dispendido na compra deste livro. Eleanor trabalhou dura e diuturnamente na organização da classe trabalhadora da Inglaterra, na Irlanda, nos EUA, na Europa e no mundo, seja escrevendo discursos de agitação, de propaganda e panfletos, seja como professora em cursos de formação (explicando “Salário, preço e lucro” a operários, ou dando-lhes aulas de matemática e línguas); como



secretária das associações e congressos, tradutora das línguas que manejava bem e daquelas que foi aprendendo a partir de seu desejo. Apesar de dificuldades financeiras compartilhadas com a família Marx, conseguiu uma significativa autonomia financeira ao longo de sua vida, mesmo que para isso tenha trabalhado como *ghost writer* e contado com os apoios permanentes de Engels, que, como sabemos, fazia parte da família Marx desde que a camaradagem se instalou entre os dois amigos, antes mesmo de Tussy nascer.

Trabalhou durante décadas ao Sindicato Nacional dos Trabalhadores do Gás e Trabalhadores Gerais da Inglaterra e envolveu-se, muito precocemente, com os fenianos, na Irlanda⁴, e era orgulhosa do seu sangue judeu, dois grupos com os quais se identificou e que não tinham a ver com influências parentais, mas com seu próprio apreço e juízo. Apesar de manejar bem várias das atividades consideradas masculinas, Tussy também foi força ativa nas tarefas de cuidado, típicas da cultura feminina, deslocados, porém, do campo da caridade e da filantropia costumeiras para a solidariedade interclasse. Essas, como sabemos, foram comuns no movimento socialista desde seu início, seja em campanhas para apoiar trabalhadores de outros países em apuros ou em greve, seja para acolher exilados e banidos, como o caso dos “comunards” expulsos da França após o notável experimento proletário e autônomo da Comuna de Paris, que tanto mobilizou Marx e Engels e foi alvo da obra de Lissagaray, que foi traduzida, anos depois, por Tussy, ao inglês, incluindo o prefácio todo seu do qual já falamos antes.⁵

Na segunda quadra de sua vida, já órfã de pai e de mãe e enredada em uma relação amorosa bastante complicada, Eleonor não esmorece: ajuda a construir a II Internacional, a Federação Social Democrata, a Liga dos Socialistas, entre outros. Além disso, apresenta, junto com Clara Zetkin, a importante tese feminista no encontro da II Internacional em 1886: uma defesa da intrínseca relação entre libertação feminina e emancipação humana. Nesta via, Eleanor foi uma precursora do processo de organização das mulheres socialistas – ou feministas – questão

⁴ Os fenianos eram irlandeses que defendiam a independência da região e tinham posturas progressistas, angariando a simpatia de Eleanor, que passa, muito precocemente, a acompanhá-los e a apoiá-los.

⁵ O livro foi lançado pela Expressão Popular contendo o prefácio original feito Eleanor, junto a sua tradução para o inglês.



na qual as próprias categorias até hoje são alvo de vasto debate, até hoje (Picq, 2000). Este envolveu tanto o conhecido sufragismo, mas, sobretudo, o feminismo operário, socialista, que cresceu junto à organização da classe trabalhadora no final do século XIX. Esta corrente, secundarizada ou mal interpretada pelas leituras liberais – como aponta a autora – esteve fortemente ancorada na entrada massiva das mulheres no mundo do trabalho fabril, na Inglaterra e no mundo, e também na produção teórica a respeito das desigualdades entre os sexos, ou, como criticamente chamava Eleanor, os assim chamados direitos das mulheres. Os embates internos ao campo socialista a respeito das desigualdades que hoje chamamos “de gênero” expressaram-se em diversos níveis da ação política desde o século XIX, envolvendo tanto dimensões macro-sociológicas da temática (como os textos de Flora Tristan, de Auguste Bebel e de Engels), quanto níveis mais micro-políticos dentro dos meios socialistas, como os que aparecem nem “A Toca”. A expressão verdadeiramente autoral das proposições de Tussy estão em *A questão da mulher: de um ponto de vista socialista*, que escreve com Edward Aveling, publicada em 1886. Eleanor não desconsiderava a importância da luta das sufragistas, mas avaliava que as lutas pelos direitos das mulheres que não incluíssem a luta de classes eram limitadas. Dizia que as mulheres pequeno-burguesas haviam se tornaram proletárias em seus próprios lares, sob a dominação de seus maridos (Fluss e Miller, 2021). Uma série de episódios envolvendo o tema envolvem Ernest Bax e artigos no jornal *Justice*. Tussy chamou para uma espécie de duelo teórico (e público) ao qual, o companheiro Bax não comparece (p.436).

Da trajetória de Tussy consta uma permanente relação com o teatro, expressão artística muito popular à época, sobretudo em Londres. A presença de Shakespeare na família não era inabitual: considera-se que o inglês que Marx aprendeu iniciou-se na via das leituras shakespearianas, além das obras de Dickens e de seu amplo repertório literário alemão, compondo um estilo narrativo muito singular que atravessa todos os seus escritos (Silva, 2012). Este capital cultural foi transmitido às irmãs Marx, expressando-se anglofonamente em Tussy, que nascera em solo inglês. Nesta via, Tussy cria, ainda com 20 anos, com amigas, a *Sociedade dos Dogberries* – aludindo a um dos personagens de *Muito Barulho*



por nada – promovendo leituras dramáticas de textos da *Bíblia* – forma com a qual os Marx chamavam a obra do mestre – inclusive em reuniões dominicais realizadas em sua casa. O grupo fez parte de um movimento de retomada de Shakespeare na Inglaterra naquela ocasião: em “Os Dogberries” podemos ter acesso a detalhes deste momento, em que decide entrar em cena como atriz, em 1880, com *O flautista de Hamelin*, em um recital dedicado aos *comunards* refugiados, para logo a seguir descobrir Ibsen, de quem se tornará fã e tradutora. Ela também se junta aos grupos literários ligados à Shelley, adensando seu contato com os grupos artísticos que “furavam” a moral vitoriana supostamente imbatível. Diferentemente da tradução de *Madame Bovary* do francês para o inglês, que finaliza em 1886 ajudada pela familiaridade com a língua, Tussy aprende o norueguês com o objetivo específico de fazer as traduções de Ibsen, como *O Inimigo do Povo*, *A dama do mar* e *O Pato selvagem*. Estes temas aparecem nos capítulos “Visão peculiar sobre o amor e outros assuntos”, “Nora Helmer, Emma Bovary e a questão da mulher” e “Interlúdio ibseniano”. Tussy vai interpretar junto a seu próprio marido o papel de Nora, em 1891, na versão de sua autoria de *Casa de Bonecas* uma das inúmeras adaptações que a peça ganhou.

Podemos ver em suas obras traços do que Lúcia Romano (2018) chama de sacações protofeministas. *Madame Bovary* e *Casa de Bonecas*, em especial, tratavam da vida de mulheres pequeno-burguesas, para as quais a vida adulta era restrita a casa, a família, ao marido. Mesmo sem remeter às desigualdades mais profundas vividas pelas mulheres trabalhadoras, Ibsen, que era próximo dos círculos socialistas e feministas de seu país, coloca em cena de forma contundente a possibilidade de uma mulher romper com aquele destino sem cor, “batendo a porta” e deixando para trás uma vida entediante ao lado do marido. Assim, estas obras podem ser vistas, mesmo com limites, como críticas de primeira hora à moral burguesa que se instituía junto ao avanço do capitalismo na Europa. Essa moral estava fundada no modelo família nuclear (do qual a mulher era a principal vítima), bem distante das formas de organização familiar das classes populares naquele século em que a família nuclear burguesa se impunha. Mas é um modelo que se impõe – com violência – como norma na Europa e logo a seguir, na periferia (Fonseca, 1989; Donzelot, 1980): a díade pai provedor/mãe



nutriz da família nuclear não apenas destoava da cultura popular predominante em vastas regiões, mas, era, ademais, inviabilizado pelas violentas condições de vida que atiravam amplas massas do povo à condição de desumanidade absoluta - como descrevera Engels, em 1845, em sua obra de juventude sobre a classe operária na Inglaterra (Engels, 2010) e como denunciara Flora Tristan, em sua União dos operários, de 1844 (Tristan, 2017). Marx também tecera importantes considerações sobre relatos do escritor parisiense *Pêcheux*, de 1846, sobre mulheres que frequentemente recorriam ao suicídio para suspender uma promessa de vida medíocre e servil, fazendo do Rio Sena um espaço sinistro, mais que “encantador” (Marx, 2006). Os casos de suicídio, porém, não acometiam apenas mulheres e derivavam de situações que expressavam, segundo Marx, a moral da burguesia no âmbito familiar e conjugal. Marx expressa aí a ideia de que a dominação é ruim também para o próprio dominador, ou seja, a tese expressa já no *Manifesto Comunista* de que emancipação proletária servirá como uma alavanca para a emancipação da humanidade como um todo., carregando junto consigo um avanço civilizatório de caráter universal.

Tanto o romance de Flaubert quanto a peça de Ibsen colocam em questão o confinamento das mulheres ao mundo opressivo do lar, em detrimento de seu acesso ao trabalho, ao estudo, à criatividade e à busca de uma existência singular - uma existência humana, enfim - como dirá Simone de Beauvoir, no século seguinte e como Nora argumenta com o marido Torvald, antes de bater a porta de sua *Casa de Bonecas*, em busca de liberdade.

Num interessante artigo em que analisa detalhadamente espetáculos recentes que retomam o texto e o argumento *Casa de Bonecas* - a peça preferida de Tussy - Lúcia Romano (2018) nos mostra o quanto o dilema de Nora se mantém na base das aflições do contemporâneo. O que leva a autora a valorizar as perguntas feitas pelos artistas interessados em encenar a obra mais de cem anos depois de sua criação e os limites das ditas conquistas das mulheres. É que os dilemas de Nora - e de Eleanor - eram dilemas da era do capital. E, bem, ainda estamos em sua época.

A biografia de Rachel Holmes - bem como o esforço das tradutoras em socializá-la - expressa a meu juízo, vários processos dignos de nota: o primeiro,



se refere à revisitação mais recente que a vida e a obra de Marx vem conhecendo nos últimos anos, que se expressa em uma entrada em cena de jovens militantes – e estudiosos – nas hostes do que podemos chamar de socialismo marxista, tanto na academia como em espaços públicos e redes sociais. Pode ser visto também em produções artísticas recentes como o filme *O Jovem Karl Marx* pelo cineasta haitiano Raoul Peck (de 2017) trazendo elementos biográficos – ainda que com significativa licença poética – que contribuem para leituras menos preconceituosas de Marx e de seus camaradas, e mais adequadas acerca das contradições pessoais de seres humanos que viveram na sua própria pele as contradições do capitalismo e de todo o edifício social que ele alavancou – como a moral burguesa – no momento de sua emergência. Contribui – e muito – para isto os esforços de intelectuais e organizações do campo marxista que tem recuperado e revisitado a gigantesca obra de Marx e Engels, sobretudo com os trabalhos de MEGA II (Musto, 2012) e que nos remete, de novo, ao tema das traduções e edições nos quais já se moviam Eleanor, Marx, Engels e camaradas do século XIX. Momento agônico, grávido de possibilidades e de paradoxos, entre os quais evidentemente, o peso do patriarcado, muito maior sobre as mulheres, mas também real para os próprios homens. Muito mais brutal, em definitivo, para as mulheres trabalhadoras do que para as burguesas, evidentemente, mas a elas articulados. Assim, a Tussy que se descortina ao longo do livro – cuja morte violenta espanta e indigna – é ao mesmo tempo “santa e mundana” – humana, portanto – como seu pai, como Engels, e etc. Outro aspecto são os dilemas que Tussy e tantas outras mulheres viveram naquela época, que não estão para nada distantes do que vivemos hoje. Para além das recorrentes depressões – que viveu na própria pele, mas que viu na própria mãe – há também o que viveu, no delicado mundo do amor, no qual – pelo que descortina Holmes ao longo do livro e sobretudo em “A pausa mais audaciosa” e “Vestido branco no inverno” (capítulos finais) – nos sugere ser seu marido uma versão à la antiga do conhecido cafajeste, ou, em termos atuais, o chamado “esquerdo-macho”. O escopo com que esta dimensão da vida de Tussy adquire no livro, salvo melhor juízo, permite que não deixemos de pensar que sua vida, por mais heroica que tenha sido – e ela foi – não deixou de ser humana, atravessada de contradições decorrentes de ter sido “filha de uma era coletiva – e de Marx” (p.306). Ou, como ela escreve a sua irmã



Laura, em 1892: “Não é surpreendente que quando encaramos as coisas de frente, quão raramente parecemos praticar todas as coisas que pregamos – para os outros?”.

Um anexo contendo preciosas fotos também compõe o livro, além de um pequeno posfácio da autora. Quanto a este, um comentário ~~que~~ deve ser feito: a autora recorre a uma argumentação no mínimo polêmica e anacrônica: ao expressar sua forma de interpretar o legado de Eleanor para a atualidade, simbolizado em seu lema de vida (“Vá em frente”) mobiliza a categoria de social-democracia em suas versões contemporâneas, muito distantes das que estiveram presentes na “social democracia” do século XIX, cujo projeto envolvia uma ruptura radical com a ordem e tinha teor revolucionário. Também sentimos falta de um maior detalhamento das relações entre as feministas socialistas – em especial com Clara Zetkin, referida em várias ocasiões na obra – particularmente, a histórico discurso feito no I Congresso da II Internacional, em 1889, escrito por Clara e traduzido por Tussy. Observa-se na obra, ainda, alguns problemas de tradução que não diminuem o exitoso resultado obtido pelo coletivo de mulheres tradutoras, entusiasmadas com a difusão da rica e inspiradora vida de Tussy e que garantiu que a obra chegasse neste momento às nossas mãos.⁶ Neste sentido, reverberam o dilema manifestado pela própria Eleanor entre a necessidade de rigor e cuidado com o trabalho editorial e urgência em difundir a uma ampla massa de trabalhadores obras científicas e artísticas de ponta, à luz da boa tradição socialista levada muito a sério por seu pai, e presente sobretudo na difusão de *O capital*⁷ (Tarcus, 2018). No prefácio ao livro de Lissagaray, sobre a Comuna, ela expressa este tipo de preocupação optando por manter passagens originais ao longo da longa obra, evitando “confundir os leitores” (Aveling, 2021, p.20).

A obra contribui seguramente com o louvável esforço feito por outras pesquisadoras e militantes em superar as leituras liberais que fazem do feminismo uma luta recente ou descolada da classe trabalhadora o que envolveu a questão

⁶ Nesta via, destacamos a importância do debate realizado com toda a equipe envolvida, no lançamento do livro realizado em 5 agosto de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Y0kBq5VQGKs>. Acesso em: 10 jan. 2022.

⁷ Referimo-nos aqui, em particular, ao esforço empreendido por Marx – e Engels – em difundir os tomos de *O capital* em várias línguas e de forma acessível à classe trabalhadora, para quem se destinava prioritariamente a obra.



da mulher em uma nebulosa complexa, ao longo do século XX (Picq, 2000), carregando mitos e dilemas experimentados por Eleanor Marx.

Referências

CRUZ, Cláudia Soares. Tradução teatral entre teoria e prática. *Urdimento – Revista de estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v.2, n.35, p.263-280, 2019.

DEAN, Jodi. Camarada. *Um ensaio sobre pertencimento político*. São Paulo: Boitempo, 2021.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FLUSS, Harrison e MILLER, Sam. L'héritage d' Eleanor Marx. *Contretemps: Revue de critique marxiste*. set. 2021, p.1-7. <http://www.contretemps.eu>. Acesso em: 12 jan. 2022. (Tradução de Christian Dubucq).

FONSECA, Cláudia. *História social da família: uma excursão interdisciplinar*. Rio de Janeiro: BIB n. 27, 1989, p.51-73.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe operária na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

LISSAGARAY, Hippolyte Prosper-Olivier. *História da Comuna de Paris de 1871*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MARX, Eleanor e AVELING, Edward. *A questão da mulher: de um ponto de vista socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

MARX, Karl. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MUSTO, Marcello. Marx-Engels Gesamtausgabe (Mega 2) y el redescubrimiento de Marx. In: MUSTO.M(org.) *Tras las huellas de un fantasma*. Siglo XXI, 2012, p.21- 62.

ROMANO, Lúcia. Casas e coisas do mundo de Nora: ou para onde o teatro pode ir quando uma mulher bate a porta atrás de si. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis. v.3, n.33, 2018.

SILVA, Ludovico. *O estilo literário de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PICQ, Françoise. Journée internationale des Femmes: a la poursuite d'un mythe. *Travail, genre et société*. Mars. n.3, 2000.



TARCUS, Horácio. *La Bíblia del proletariado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2018.

TRISTAN, Flora. *União dos operários*. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

Recebido em: 13/01/2022

Aprovado em: 30/01/2022